

# O monge sábio

*Respeite a si mesmo e os outros vão respeitá-lo.*

*Confúcio*

**U**m dos melhores exemplos que já tive de transparência e sobre como não me levar tão a sério veio de uma experiência em um templo budista aqui em Los Angeles. Na época, eu buscava meu caminho de crescimento pessoal e espiritual, então absorvia tudo que pudesse acalmar minha mente e me ajudar a pensar melhor. Passei um bom tempo mergulhado na meditação budista e praticando a *vipassana* (uma vez me inscrevi em um retiro de dez dias, mas fiquei apenas cinco, porque achei tudo intenso demais) e o cântico do Nam Myoho Renge Kyo.

O episódio no templo de Los Angeles foi bem antes de eu descobrir esses dois tipos de meditação. Descobri a respeito do local no Yelp ou no Google, não lembro, e decidi ir até lá assistir a uma palestra sobre o dharma e meditar. A aula foi ministrada pelo monge encarregado, que falou sobre desapego e vários outros princípios do budismo. Eu estava totalmente imerso naquelas palavras, absorvendo a sabedoria daquele homem que parecia um mestre encarnado. Quando acabou, fizemos uma meditação de vinte, trinta minutos, de olhos fechados, e aproveitei cada segundo. Após a atividade, as pessoas ali presentes começaram a ir para casa.

Explorador que sou, aproximei-me do monge palestrante e dos demais que estavam com ele e comecei a fazer várias perguntas. Quando me dei conta, já era hora do almoço. Os monges, com seus robes e

cabeças raspadas, convidaram-me para fazer a refeição com eles. Eu fiquei LOUCO de alegria, porque assim eu poderia REALMENTE ter acesso à parte valiosa do ensinamento que aqueles caras me passavam. Eu me transformo em uma ESPONJA quando alguém compartilha sabedoria; sempre que tenho uma oportunidade como essa, sou todo ouvidos!

Então entrei no carro e fui dirigindo atrás do carrinho que levava aqueles quatro monges budistas DE VERDADE. Eu estava empolgadíssimo com a possibilidade de conhecer um restaurante vegetariano ou vegano bem ali no centro de Los Angeles. À medida que seguíamos, a empolgação aumentava. Para onde aqueles caras estavam indo? Provavelmente seria uma experiência incrível. Em dado momento, o carro deles parou em um estacionamento. Eu não conseguia acreditar no que meus olhos viam. Por que diabos quatro monges budistas estavam parando num restaurante tão comum?

Exatamente. Fui levado por quatro monges budistas — cabeças raspadas, robes, aquele papo sobre dharma — para um restaurante com bufê. Eu não estava acreditando. Talvez tivessem escolhido aquele lugar por causa das saladas muito baratas. Porque, convenhamos, se um monge não ganha rios de dinheiro, não faz sentido almoçar em um local chique. Talvez nosso almoço fosse de fato uma salada baratinha. Por mim, tudo bem, eu não me importava. Eu só buscava conhecimento.

Quando entramos no restaurante, fui direto para o bufê de saladas. Não era vegetariano nem vegano, mas fazia o máximo para não consumir carne de criadouros industriais e para me alimentar do modo mais consciente possível. Mas, naquele momento, ali, diante dos monges, tornei-me vegano instantaneamente. Escolhi meus itens com muito cuidado. Nada de queijo. Nada de molho à base de leite. Nada de salada com frango ou atum. Alface, tomate, cogumelos, pimentão, algumas oleaginosas e vinagrete, pessoal! O prato parecia insuficiente para matar minha fome, mas eu estava ali pelo conhecimento. Eu pediria uma Coca Zero grande para encher o estômago quando entrássemos em uma conversa muito séria sobre o dharma.

Voltei para o meu lugar e os monges começaram a fazer seus pedidos. E, para o meu CHOQUE, o mais sábio deles, o que dera a palestra, pediu um BIFE! O outro também pediu bife e os dois restantes pediram frango!

O choque foi absoluto.

Ali estava eu, o carnívoro, fingindo ser vegano para três monges que estavam prestes a CAIR DE BOCA na carne! E nem era uma proteína animal de produção local nem nada — eram carne e frango de um restaurante superpopular! Não fazia sentido.

Começamos a conversar. Eu estava morrendo de vontade de perguntar por que eles estavam comendo carne, mas não tive coragem. Quando a comida finalmente chegou, BUM! Dois bifes e dois filés de frango. E eu ali preso com a minha salada de mentira. Eles até perguntaram se eu não ficaria com fome comendo tão pouco.

Quando os monges começaram a atacar seus pratos, pratos com animais mortos, eu não consegui mais me segurar. Eu explodi! Interrompi a conversa e disse:

— Ok, ok. Calma aí, gente. Qual é a desse lance da carne? Vocês não são monges budistas? Não têm um compromisso com Metta, que é o amor incondicional a todos os seres sencientes?

Sem vacilar, o monge mais sábio ergueu o olhar do bife e disse:

— Existe uma frase do Ashram...

E então ele fez uma pausa. Uma daquelas pausas dramáticas que indicam que algo ÉPICO está prestes a sair.

— Que diz... AINDA não sou o Buda!

E com isso os quatro voltaram às suas refeições.

Eu estava incrédulo. Esses caras estão de sacanagem?! Ainda não são o Buda? Naquele momento, aquilo me pareceu uma desculpa esfarrapada, mas, muito tempo depois, voltei a refletir sobre aquela frase e enxerguei a sabedoria que ela contém. Sei que alguns de vocês devem estar pensando “Que desculpa esfarrapada. Quer dizer, o cara poderia matar alguém, já que ele ainda não era o Buda?” É claro que o aforismo não deve ser usado como justificativa para o mau comportamento. Dito isso, sigo achando que a frase foi uma das coisas mais honestas que eu já ouvi de uma pessoa “espiritualizada”.

O conceito de ainda não ser o Buda é grandioso. Ele nos liberta do anzol de não ter uma espiritualidade “perfeita” e, em vez disso, ensina-nos a percorrer o caminho de nossas imperfeições tão valiosas. Nossa vida acaba murchando quando não nos permitimos ser humanos.

Mastin Kipp